
O IMPACTO SOCIAL CAUSADO PELO GRANDE TERREMOTO DE TOHOKU NA COMUNIDADE BRASILEIRA NO JAPÃO E OS EFEITOS DA CRISE NUCLEAR

THE SOCIAL IMPACT CAUSED BY THE BIG TOHOKU'S EARTHQUAKE IN THE BRAZILIAN COMMUNITY ON JAPAN AND THE NUCLEAR CRISIS EFFECTS

Daniel Gimenes¹

RESUMO: O artigo busca demonstrar os efeitos sobre a comunidade brasileira residente no Japão dos terríveis acontecimentos durante e após o Grande Terremoto de Tohoku, bem como o pânico gerado nas pessoas pela crise nuclear. Será demonstrado também como o governo japonês está lidando com toda crise gerada.

Palavras-chave: Terremoto; Japão; Tohoku; Comunidade Brasileira no Japão; Crise Nuclear.

ABSTRACT: The article looks for demonstrate the effects in the Brazilian community whose lives in Japan and about the terrible happened during and after the Big Tohoku's Earthquake, as the panic which reach the people after the nuclear crisis. Also will be demonstrated about the Japanese government is dealing with everything happened, including the financial crisis.

Key words: Earthquake; Japan; Tohoku; Brazilian Community in Japan; Nuclear Crisis.

No Brasil é comum as pessoas orgulharem-se do fato do nosso país ser pouco suscetível a tragédias naturais. Com exceção das chuvas, que nos últimos anos vem aumentando o impacto das tragédias no cenário nacional. O Brasil praticamente não sente fortes abalos sísmicos e não apresenta nenhuma atividade vulcânica em seu território, como é de conhecimento geral. A posição privilegiada de um país gigante, assentado justamente no centro da placa tectônica sul-americana, o faz, pela grandiosidade do território, uma nação quase que única no planeta. Esta comodidade geológica fez de certa forma com que no Brasil existam poucos projetos e estudos para prevenção de tragédias, seja em qualquer grau de perigo que esta represente.

A maior parte da população brasileira residente no Japão, acostumada a lidar com tragédias de cunho social na terra natal, mesmo vivendo em um país em que a prevenção contra catástrofes naturais é primordial, pouco soube lidar com os eventos decorridos do Grande Terremoto de Tohoku, no dia 11 de março de 2011. Medo era a palavra mais usada para justificar o retorno ao Brasil de uma verdadeira leva de decasséguis. Dentro da comunidade brasileira no arquipélago nipônico, esta veio a ser o que eu classifico como a Segunda Diáspora Decasségui, parafraseando a história grega. A primeira como é de conhecimento geral ocorreu devido à crise econômica de 2008 e 2009. Esta segunda diáspora veio em um momento de plena recuperação econômica do país dos samurais, dos trabalhadores brasileiros e por consequência de toda gama comercial tupiniquim instalada no país.

A tragédia acontece

Confesso que nunca tive medo de terremotos, e os poucos que realmente senti, nos quase sete anos que vivo no Japão, de forma alguma chegaram a me assustar. Assim como outros fenômenos naturais, como furacões, aqui chamados de *taifús*, que passam quase que por volta de duas dezenas pelas mais de seis mil ilhas que formam o país. Dificilmente causam estragos consideráveis e são aguardados a cada verão, no ritmo das monções asiáticas.

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade do Sagrado Coração de Bauru-SP. Professor de Geografia na Escola Alegria de Saber COC Japão desde janeiro de 2005. Correspondente da revista Alternativa na região de Nagoia, província de Aichi desde setembro de 2010. Obs. O presente artigo foi finalizado no dia 22 de julho de 2011, portanto, ainda estão em curso diversas decisões do governo japonês com relação ao Grande Terremoto de Tohoku. E-mail: danigimenes79@hotmail.com.

Como geógrafo, confesso sempre ter tido curiosidade de presenciar tais movimentos das placas tectônicas. Sabendo de toda estrutura para suportar os abalos de um potencial terremoto do país, apesar das terríveis imagens do forte terremoto ocorrido em Kobe, no ano de 1994, sempre encarei a questão com tranqüilidade e naturalidade. No dia 11 de março de 2011, toda a minha concepção sobre temer abalos sísmicos e outros fenômenos correlativos mudaram completamente. O mundo todo viu pela televisão, que quando a natureza quer, não há nada que o pequeno e diminuto ser chamado homem possa fazer.

Atesto aqui, que tomei contato com a extensão da calamidade, no momento em que vi, em uma pequena tela de celular, a transmissão ao vivo da tragédia, mesmo tendo sentido o tremor inicial. Os carros sendo arrastados pelas águas em um rodaminho tragando tudo em volta. Eu quase não podia acreditar no que via. Quando ocorrem terremotos, as televisões japonesas mostram um mapa do país do qual piscam as áreas atingidas pelo tremor. Raramente uma extensão em torno de um vigésimo da área do país aparece piscando como área atingida. O mapa todo piscava em um vermelho aterrorizante, de norte a sul o país estava envolto e duramente atingido pelos tremores.



Figura 1: Imagem congelada da televisão japonesa no dia 11 de março de 2011 – Uma explosão é filmada enquanto o mapa do país todo pisca em alerta na tela.

Trabalhando em Toyota e vivendo em Takahama, cerca de uma hora por trem de distância de uma cidade para outra, não observei absolutamente nenhum dano material causado pelos tremores na volta pra casa, muito menos houve algum registro em toda província de Aichi. O principal efeito nestas áreas foi o psicológico. As emissoras de televisão transmitiam exaustivamente as imagens da tragédia. A reprodução do terror estava estourando os picos de audiência não só do Japão, mas do mundo como um todo.

Durante toda a noite busquei notícias, principalmente através das redes sociais, que tiveram um papel primordial na comunicação entre as pessoas que foram prejudicadas pela queda da rede de celulares e telefones nas regiões mais duramente atingidas. Principalmente pelos sites de relacionamento twitter e pelo facebook, centenas de brasileiros trocavam mensagens procurando

informar como andavam os noticiários. Alguns estavam até certo ponto descontrolados e postando mensagens ofensivas aos mais pessimistas. Mas no fim, o trabalho das redes sociais ajudou a acalmar muitas famílias, tanto no Japão quanto no Brasil, principalmente as que possuem parentes próximos das áreas duramente atingidas.

Os dias seguintes à tragédia não foram menos tensos, e ainda com um agravante, a usina nuclear de Fukushima foi terrivelmente afetada. O risco de vazamento de material radiativo em grande quantidade tomou de pânico as pessoas neste período. As notícias na mídia eram desconstruídas, muitos jornalistas aproveitaram para elevar o grau da tragédia em níveis estratosféricos. Manchetes em jornais de todo mundo noticiavam a destruição do Japão como um todo. De fato, todo país sentiu o tremor, porém os efeitos mais terríveis aconteceram apenas nas áreas atingidas pelo tsunami.

No dia seguinte ao terremoto, tamanho era o desespero dos brasileiros, em contraste com a calma dos japoneses, que sabem que precisam invariavelmente lidar com tal situação. Milhares de decesságus foram ou ligaram nas agências de viagem para comprar passagens aéreas para o Brasil, bem como os estrangeiros de uma forma em geral para os países de origem, principalmente estadunidenses e alemães. Decisões foram tomadas no calor da emoção, independente da razão. Os familiares no Brasil, sem entender a situação claramente, em virtude do “show de horrores” veiculado na mídia, principalmente a televisiva, pressionavam os parentes que estavam no Japão a retornarem o mais rápido possível.

A população japonesa seguia com a vida na maior tranqüilidade, continuando com a rotina de trabalho diário, e como é próprio desta, precavendo-se para o pior. Ainda na primeira semana pós-terremoto, as prateleiras dos supermercados e lojas de conveniência ficaram com falta de diversos produtos. É uma cena que choca, independente do preparo que a pessoa recebeu para viver situações assim, ou por mais otimista que seja, não tem como ficar alheio a tudo e evitar certo pessimismo.



Foto: Daniel Gimenes

Figura 2: Rapidamente diversos produtos começaram a “sumir” das prateleiras dos supermercados de todo o Japão, principalmente água. Foto feita no dia 14 de março de 2011 no Shopping AEON de Higashiura.

Quem ficou no país o fez por dois motivos, o primeiro foi o de decidir ficar e enfrentar os problemas decorrentes. Não adianta ser um hipócrita e mascarar a realidade dos fatos. A grande maioria dos brasileiros que vivem aqui busca se livrar, pelo menos por algum tempo, dos problemas sociais dos quais o nosso país passa. Problemas econômicos, violência e outras mazelas fizeram os decasséguis retornarem para a terra dos pais ou avós em busca de dinheiro e tranquilidade. Ao primeiro sinal de crise, juntar as malas e novamente correr do local no qual vieram buscar uma vida “melhor”, evidencia em muitos casos uma falta de estrutura emocional para enfrentar problemas. Não busco simplesmente medir as mazelas de um país por outro, apenas destaco que a pessoa que decidiu retornar ao Brasil, principalmente os que não viviam nas áreas duramente atingidas pelos eventos de 11 de março, deveria ter feito apenas como opção de vida, não como uma medida de segurança para a família. Foi justamente este motivo, em grande parte dos casos, que fez com que os decasséguis viessem para a terra do sol nascente. O segundo motivo é a falta de recursos financeiros para embarcar para o país. As passagens aéreas entre Brasil e Japão variam de preço conforme o período do ano, de acordo com as normas do jogo de capitalista, mas em média custam em torno de 1.768 dólares.

O fantasma do desemprego

A comunidade brasileira acostumou-se a viver em um país onde a rotina de trabalho é dura e estressante. Soma-se há isso o pouco conhecimento sobre direitos dos trabalhadores de um modo em geral, a falta do exercício da cidadania e também a falta de compreensão total ou apenas parcial que seja do idioma. Tais problemas eram compensados, na ampla maioria dos casos, pelas melhores condições salariais e a possibilidade de consumir de forma até que descompromissada. Acostumados com tais facilidades, os brasileiros aceitaram com certa dificuldade os efeitos negativos da terrível crise econômica de 2008 e 2009. Durante a crise, os trabalhadores estrangeiros, tais como brasileiros, peruanos, chineses, coreanos, malaios, filipinos e outros foram duramente atingidos, diminuindo sensivelmente a quantidade de tais nacionalidades no país.

Brasileiros e peruanos ainda gozam de certo “prestígio” junto aos japoneses, em parte devido ao longo tempo de trabalho que já possuem na terra do sol nascente, apesar de todos os conflitos culturais e de convivência constantes. As demais nacionalidades asiáticas supracitadas recebem em média salários no valor de 1/3 dos vencimentos de um brasileiro, por exemplo. Enfrentando tal concorrência mais barata, expoente máximo do que eu chamo de capitalismo suicida, é natural que há muito o fantasma do desemprego viesse assustando aos decasséguis, porém sem nunca se manifestar de forma intensa ou que comprometesse a realidade da comunidade verde e amarela. Na verdade, já mais adaptados ao país e a realidade empregatícia deste

até a recente crise financeira, os brasileiros costumavam até a pressionar os patrões por funções mais leves ou chegavam a escolher em qual firma desejavam trabalhar. Não raro algumas pessoas mudavam de emprego com pouco menos de dois meses de trabalho, e dificilmente passavam por maiores apertos. A crise mundial fez com que os decasséguis encarassem uma realidade nunca sequer imaginada na até então segunda maior economia do planeta. Conseguir um emprego passou a exigir maior aptidão e conhecimento da língua japonesa. Ainda sim, muitas pessoas extremamente preparadas, perderam cargos ou não mais conseguiram trabalhar devido a ter idade mais avançada.

Após o terremoto, as demissões não vieram a acontecer de forma maciça, apenas uma ou outra empresa que já vinha mal das “pernas” demitiu os trabalhadores ou simplesmente fechou as portas. As regiões afetadas pelo tsunami tiveram parte do parque industrial simplesmente destruído, quando não por completo. Soma-se a esta destruição dos postos de trabalho, a interrupção de energia das fábricas que não foram destruídas em virtude da perda da usina de Fukushima. Tais fábricas tem a produção atrelada com o Japão e o mundo. Grandes montadoras de carros, como Toyota e Honda, anunciaram suspensão das atividades, férias coletivas, diminuição da jornada de trabalho, pois simplesmente as peças não chegariam a curto prazo em várias partes do planeta. No Brasil, a Honda cortou 400 postos de trabalho em maio. A situação, porém, foi diferente de 2008 e 2009, desta vez não houve cortes em massa dentro do Japão, mantendo a mão-de-obra, mesmo em jornadas de trabalho menor, e consequentemente recebendo menos, mas de fato, ainda empregados.

Lição de uma tragédia

Buscar o aprendizado é algo inerente no ser humano, mesmo quando este não esteja buscando aprender. Com tragédias não é diferente, e sempre aparece na mídia casos de superação ou sobrevivência improváveis. Um terremoto como o que assolou o Japão, que foi o mais forte que o país já registrou em sua história, jogou na mídia além das imagens e números da tragédia, uma quantidade de casos e histórias de heroísmo, alguns verídicos, outros nem tanto. Na maior parte dos casos, heroísmo verdadeiro parte das pessoas que passam longe dos microfones ou câmeras de televisão, que como no Brasil, no Japão a mídia também busca criar algumas estórias sobre os fatos noticiados. Olhando pelo lado humano, sem a busca de heróis, mas de histórias que mostrassem a superação de alguns, separei um caso publicado na mídia brasileira presente no arquipélago.

O relato é o da adolescente japonesa Mía Saito, da qual a história da jovem foi contada na edição 254 do mês de abril da revista Alternativa. Mía é residente da vila de Minami-Sanriku, província de Miyagi, que foi completamente arrasada pelo tsunami. Mía conseguiu se salvar, mas viu a casa em que morava com a família

ser levada pelas águas. A jovem contou que estava em casa com a mãe e a irmã, e juntas correram para o abrigo mais próximo, no caso uma escola localizada no alto de uma montanha. A adolescente presenciou toda a destruição causada pelo tsunami, e ao retornar para ver o que sobrou da casa, encontrou apenas entulhos e corpos ainda soterrados. As dificuldades enfrentadas pelas pessoas em tais condições são tamanhas, que só vivenciando para entender.

A adolescente, em plena situação de calamidade, fez uma afirmação que ao ouvido de pessoas vindas de outras culturas pode soar extremamente arrogante, mas que expressa a diferente cultura dos nipônicos com relação aos ocidentais. Mía afirmou que apesar de tudo eles não são “coitadinhos” como a imprensa vinha notificando, e que era importante que as pessoas saibam que eles estão lutando e levando a vida como podem, confiantes na reconstrução do país.



Foto: Cedida pelo jornalista Ewerthon Tobace
Figura 3: Toneladas de entulhos.

Ações de ajuda governamentais

O governo japonês, além do socorro imediato às vítimas do terremoto e trabalhos de reconstrução, anunciou uma série de medidas com o intuito de acelerar a reconstrução do país. Dentre as primeiras medidas, segundo reportagem da Revista Alternativa, edição 254 de 07 de abril de 2011, o governo irá conceder subsídios de até 3 milhões de ienes (37.380 dólares) para quem comprar casas e os isentará dos impostos de transação imobiliária e baixou para zero o juro atual de 1.78% para financiamentos.

Além da ajuda financeira, o governo japonês também anunciou um pacote de medidas para diminuir os trâmites burocráticos para as vítimas da tragédia. Em reportagem publicada na Revista Alternativa, edição 255 de 21 de abril de 2011, o Ministério do Trabalho autorizou que as vítimas, mesmo não tendo sido demitidas, poderão receber o seguro-desemprego, pois muitas pessoas perderam todo o patrimônio que possuíam. O órgão

governamental também irá auxiliar aos empregadores que tiveram que reduzir 5% ou mais na produção do mês de março, arcando com cerca de 80% do valor dos salários dos funcionários. Diversas linhas telefônicas gratuitas foram criadas para auxílio tanto da população em geral, quanto para as empresas que necessitem de informações de como proceder para receber as ajudas. Na área da saúde também foram implantadas medidas emergenciais. As pessoas que necessitaram de atendimento médico, mesmo que não estivessem de posse do cartão do seguro saúde nacional, receberam atendimento médico gratuito, apenas precisaram dizer o nome e data de nascimento. Tal medida se aplica principalmente pela perda óbvia de documentos e falta de recursos, pois o seguro saúde nacional cobra apenas 33% do valor de qualquer consulta ou tratamento médico. Medida semelhante foi aplicada pelos bancos, onde o cliente teve a oportunidade retirar o dinheiro mesmo sem estar portando o cartão eletrônico ou a caderneta da conta bancária, bastando apenas apresentar qualquer documento de identificação. Cédulas sujas ou danificadas puderam ser trocadas por novas. Uma observação que faço aqui, é que as cédulas japonesas são impecavelmente limpas, até as mais usadas ainda aparentam ter saído da impressão, e qualquer dano a elas o banco as troca imediatamente. Talvez seja o iene o dinheiro mais “limpo” do mundo. A validade de todas as carteiras de motorista que venceram a partir de março de 2011 foi estendida até o dia 31 de agosto do mesmo ano. As seguradoras garantiram que irão apressar o processo de pagamento das indenizações, bastando apenas provar a destruição da propriedade que a pessoa possuía ou atestar os danos causados.

Segundo dados da reportagem da revista Alternativa, edição 255 de 21 de abril de 2011, a verba inicial para a reconstrução do país foi de 4 trilhões de ienes (50 bilhões de dólares), anunciada após a chuva de críticas que recebeu o primeiro ministro Naoto Kan, considerado inábil pela rígida mídia e oposição japonesa para lidar com a reconstrução do país e com a crise nuclear. Tais recursos serão usados principalmente na reconstrução da malha ferroviária, portos, aeroportos, recuperação de rios, além da criação de trincheiras de empregos emergenciais, para evitar que os trabalhadores migrem para outras regiões. Esta cifra também será direcionada para a construção de 70 mil moradias provisórias e edificação de escolas, hospitais, órgãos públicos e subsídios para compra de casas já anunciados. Como o valor ainda é insuficiente para a recuperação total, novas medidas são aguardadas para o segundo semestre de 2011, incluindo até uma nova política de arrecadação de impostos, como também mudanças no sistema previdenciário do país. Só a previdência japonesa aumenta os gastos anuais em 10 trilhões de ienes (124 bilhões de dólares).



Foto: Cedida pelo jornalista Ewerthon Tobace
 Figura 4: Embarcação que parou em uma rua.

Caos Nuclear

Maior até do que o pânico imediato causado pelo terremoto foi o medo subsequente de um caos nuclear envolvendo as instalações da usina nuclear de Fukushima. A usina além de já ter tido que resistir ao tremor, acabou sucumbindo diante das forças das águas que invadiram o território. O perigo nuclear acabou virando uma verdadeira obsessão midiática, que se por um lado fazia o trabalho de noticiar, por outro exagerava nas notícias, em parte por falta de preparo de alguns jornalistas, e em parte pelos exageros na busca da venda por notícias. Independente de como o governo japonês lidou com a tragédia, diversos órgãos internacionais pressionavam, muitas vezes com dados desencontrados ao governo do Japão. Algumas nações acenaram com programas de ajuda e envio de tropas para auxiliar no socorro, como foi o caso dos Estados Unidos, porém, diversas lideranças científicas estadunidenses, ajudaram a instalar o medo na população. Independente da situação, a calma é o primeiro aliado para um controle eficiente de uma situação de caos, principalmente em caso de radiação nuclear. As radiações medidas em Tóquio, irresponsavelmente alardeadas pelo mundo, posteriormente foram dadas como insignificantes para causar danos à saúde das pessoas.

No Brasil, em um primeiro momento, diante dos dados ainda desencontrados que tinha em mãos, Laércio Vinhas, diretor de radioproteção e segurança da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), informou em entrevista à Revista Alternativa, edição 254 de 07 de abril de 2011, que o material radioativo é como uma poeira fina que pode ficar depositado nas plantas. Sobre a contaminação em Tóquio, o diretor afirmou que era desaconselhável beber ou preparar comida com a suposta água contaminada, principalmente para os bebês. Sem, no entanto, fazer qualquer restrição ao uso da água para banho ou lavar roupas. Laércio Vinhas ainda completou a entrevista, afirmando que a probabilidade

de uma pessoa desenvolver alguma patologia, depende de fatores externos. Como por exemplo, o consumo de alimentos contaminados por um longo período de tempo, aliado a fatores genéticos e problemas relacionados ao fumo e à poluição. Na mesma edição da revista, outra reportagem abordou ainda o temor que os moradores que vivem ao redor de Fukushima sentem em ficarem estigmatizados caso tenham de abandonar o local. Desta forma poderia gerar um sentimento entre os que ficaram semelhante ao ocorrido com as pessoas que deixaram o Japão na primeira metade do século XX. Existe uma coação declarada ou velada de lideranças comunitárias para os que deixaram as áreas atingidas para que nunca mais voltem se a deixarem neste momento crucial. Com medo de serem chamados de fujão ou covarde, muitos estão mandando apenas metade da família.

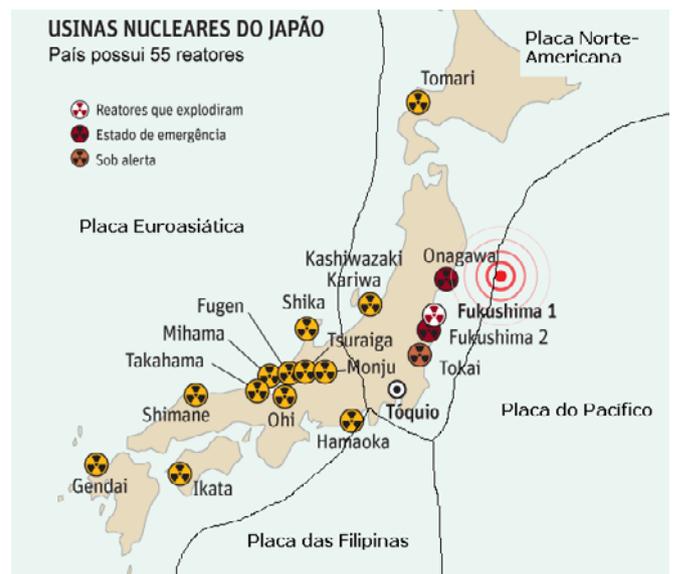


Figura 5: Usinas nucleares no Japão, encontro das placas tectônicas e epicentro do Grande Terremoto de Tohoku – Fonte: www.folha.com

No Japão, a edição especial da revista Akitem Bom Negócio!, de março de 2011, entrevistou o engenheiro Kenji Araki, do Instituto de Desenvolvimento de Sistemas da Hitachi. Araki foi um dos encarregados de fazer o desenho e manutenção dos reatores 1 e 4 da Central Nuclear Fukushima Daiichi. Segundo o engenheiro, o problema mais imediato que os técnicos enfrentaram foi a piscina de resíduos radioativos, da qual o processo de resfriamento deveria ser constante para evitar que o combustível continuasse sendo aquecido. A segunda meta era o resfriamento do centro do reator, que também está ligado à circulação de combustível. O sistema elétrico da usina foi duramente atingido durante o terremoto, e a consequência mais imediata foi a queda do sistema de refrigeração. Tal refrigeração passou a ser feita de forma manual, com os técnicos arriscando a própria vida e com o uso de helicópteros por parte das

forças armadas do Japão e dos Estados Unidos. Ainda segundo o engenheiro, a verdadeira situação grave, da qual colocaria em risco uma grande massa de pessoas próxima à usina, e de certa forma, por todo o Japão, seria a repetição do terremoto com intensidade semelhante ao que aconteceu no dia 11 de março, este sim foi o grande medo pelo quais todos passaram. Sobre as especulações a respeito da exposição das pessoas à radiação, Kenji Araki foi tranquilizador, afirmando que fora do perímetro de segurança, a radiação não seria maior do que quando expomos nosso corpo ao sol. O engenheiro afirmou que é praticamente impossível que uma grande quantidade de radiação chegue aos locais mais povoados, mesmo com o vento a favor. A radiação se dissiparia antes ou cairia na terra e no mar. O engenheiro afirmou que o verdadeiro problema seria deixar a capital sem 40% da energia que consome da qual é gerada pela usina de Fukushima, sendo assim o caos realmente seria instalado na capital japonesa. O problema de fornecimento de energia para a capital foi amenizado pelo fornecimento de energia de demais centrais energéticas próximas da capital, tanto hidrelétricas quanto termelétricas.

Indagado pela reportagem da revista *Akitem Bom Negócio!*, sobre o perigo de uma suposta grande radiação nuclear, mesmo sendo algo fora de cogitação no momento, Kenji Araki afirmou que a falta de entendimento sobre a energia nuclear é na verdade a única causa de qualquer pânico que possa se instalar em uma situação assim. O engenheiro alegou que mesmo que as pessoas fossem expostas a uma grande quantidade de radiação, ainda assim estariam menos expostas se comparado à exposição que todos recebemos por conta dos raios ultravioletas do sol. Em clara oposição às palavras do técnico em energia nuclear, o brasileiro Laércio Vinhas, Araki afirmou que o máximo que poderia acontecer em Fukushima seria apenas emanações, ou seja, a energia liberada estaria em minúsculas partículas impalpáveis, não ocorrendo o acúmulo de pó sobre a vegetação, do qual iria contaminar os alimentos.

Arrumando a “casa”

O Japão terá pela frente a árdua missão de reestruturar-se em um momento de reestruturação econômica, em meio aos remendos econômicos causados pela crise econômica de 2008 e 2009, dos quais os efeitos ainda se fazem presentes. Diante de um mercado financeiro instável e sujeito a especulações sobre calotes de países até pouco tempo atrás símbolos de prosperidade e liderança capitalista, como um tal de Estados Unidos. O país dos samurais terá de lidar com a reestruturação dentro da reestruturação, talvez seja um caso único dentre as nações desenvolvidas. Com gastos bilionários pela frente, e enfrentando a ganância suicida das próprias indústrias que nasceram em seu território, como no caso da Toyota, que regularmente divulga planos de transferir a produção para os demais

países de mão-de-obra miserável da Ásia, o governo, de extrema instabilidade de manutenção de ministros, precisará incentivar o crescimento do emprego para evitar problemas ainda mais graves. O endividamento público já nos faz notar um Japão, que se ainda não pode ser definido como empobrecido, mas um tanto quanto limitado economicamente. Os ienes que jorravam pelas torneiras das fábricas, fazendo a alegria dos japoneses e estrangeiros, já não mais jorram com tanta facilidade, e o país que é extremamente dependente de exportações, precisa agora torcer para que nos próximos anos o mundo capitalista de fato se estabilize, para poder sustentar a própria reestruturação.

Em 2010 o país perdeu o posto de segunda maior economia do planeta para a China, que avança rumo à tomada do primeiro lugar das mãos dos Estados Unidos se assim continuar a crescer em mais algumas décadas. O capitalismo atual, sustentando na mão-de-obra miserável, que remete a um retrocesso dos princípios da Revolução Industrial Inglesa em meados do século XVIII, tem na China o seu maior exponencial, e talvez o maior vilão. As crises econômicas decorrentes do início do século XXI estão pautadas na falta de mercado consumidor em condições de consumo pleno nos países desenvolvidos, pois a produção obedece tais padrões de consumo pleno. Produtos encalhados nas prateleiras por falta de compradores serão uma constante nos próximos anos, acompanhados de falências constantes, em um mercado de trabalho cada vez mais enxuto e exigente com a qualificação profissional. O Japão tem como desafio tentar reverter a qualquer custo o fluxo de saída das empresas nacionais para os países asiáticos. Atrás das grandes montadoras de automóveis que deixarem o país irão os fornecedores de peças e demais atividades direta e indiretamente ligadas a tais conglomerados. Um cenário como este pode tornar quase impossível que o país recupere a força econômica de outrora, e se recupere ao ponto anterior da crise mundial de 2008. A escalada da violência será proporcional ao aumento do desemprego, ao descrédito financeiro e social de todo um país.

O terremoto de Tohoku ajudou a aumentar ainda mais o temor de que após 2011 a retomada do crescimento do país fosse prejudicada pela “fuga” das grandes empresas japonesas. A busca pela retomada da produção virou prioridade número 1 para o governo nipônico após os trabalhos de ajuda e resgate das regiões duramente castigadas. Em reportagem publicada na revista *Alternativa*, edição 256 de 02 de maio de 2011, as montadoras automotivas voltaram a trabalhar no dia 18 de abril. Todas as unidades da Toyota voltaram a produzir, mesmo que ainda limitados a 50% da capacidade de produção. O grande problema para a retomada da produção por completo foi a falta de peças, pois muitos fornecedores estão localizados nas áreas mais afetadas e tiveram suas indústrias parcialmente ou totalmente destruídas. Outro fator a dificultar a volta normal da produção, é a economia de energia obrigatória que as

empresas japonesas estão fazendo, principalmente a partir do verão, época da qual o consumo é maior, em virtude do calor quase que insuportável no país demandar o uso em massa de aparelhos de ar condicionado. A maior parte das residências japonesas chegam a possuir até um aparelho por cômodo.

A energia elétrica oriunda das centrais nucleares não representa a maior fonte de energia para o país. A maior parte da energia gerada no Japão provém de usinas termelétricas e hidrelétricas, apesar do país ser pobre em rios. Cerca de 30% da energia gerada provém das usinas nucleares, que por hora ou estão paralisadas por terem tido algum tipo de dano em virtude da tragédia de 11 de março, ou foram paralisadas preventivamente para reavaliações de segurança. Uma das soluções adotadas para diminuir o consumo foi a troca das folgas em boa parte das fábricas automotivas do país. Em um último apelo diante da realidade dos números, o governo japonês reduziu para 15% a meta de redução de consumo de energia para o setor industrial. Para evitar picos de consumo que viessem a derrubar o sistema de geração de energia, causando um apagão. O governo orientou as fábricas a mudarem as folgas semanais para as quintas e sextas-feiras, trabalhando desta forma aos sábados e domingos. Uma solução inédita, que visa preservar o abastecimento de energia em todo o país

A edição 261 da revista Alternativa, de 14 de julho de 2011, trouxe uma reportagem sobre os efeitos das metas de redução de energia nas fábricas japonesas. Segundo a matéria, algumas indústrias estão buscando formas alternativas de minimizar os efeitos do calor dentro das fábricas, algumas linhas foram transferidas para locais mais arejados. Em muitas fábricas os ventiladores foram simplesmente desligados e o ar-condicionado será ligado apenas em curtos períodos durante o dia. Segundo ainda a revista, em uma fábrica localizada na cidade de Shinshiro, província de Aichi, os trabalhadores pararam a linha de produção por dez minutos, em protesto contra o desrespeito dos patrões com a norma que dizia que o ar-condicionado seria ligado caso a temperatura atingisse 32 graus célsius. Em diversas fábricas já são comuns os casos dos quais os trabalhadores passaram mal e chegaram até a desmaiar. Algumas fábricas estão distribuindo balas com grânulos de sal, recomendadas para repor o sódio perdido com a transpiração. A falta de sódio no organismo pode acarretar convulsões musculares.

O uso do ar-condicionado já vem sendo a algum tempo alvo de polêmicas. Algumas empresas elevaram a temperatura mínima permitida para 26 graus célsius nos últimos anos, em virtude de economizar energia por conta da crise econômica recente. Neste ano o valor foi elevado para 28 graus célsius, fazendo com que desta forma seja inviável até manter o aparelho ligado em um ambiente fechado com muitas pessoas dentro deste. Muitos preferem abrir as janelas e desligá-lo por completo, preferindo assim um ar ainda que quente, mas com leves brisas, que não são muito comuns no verão nipônico.



Foto: Daniel Gimenes

Figura 6: Supermercado do shopping AEON de Higashiura, refrigerante Coca-Cola com tampinhas de fornecedores alternativos na cor branca, em virtude da fábrica de tampinhas vermelhas tradicionais ter sido destruída, o que provocou até a falta do refrigerante nos primeiros dias após o Grande Terremoto de Tohoku. Foto tirada no dia 20 de julho de 2011.

O país dos terremotos

Localizado no encontro de 3 placas tectônicas, a placa Euroasiática, a placa Norte-Americana e a das Filipinas, além de ser vizinho da placa do Pacífico, a principal responsável pelo terremoto de Tohoku, o arquipélago japonês, composto de 4 ilhas principais e mais 6 mil pequenas ilhas, sofre abalos sísmicos diariamente. Para efeito de comparação, no mundo todo são registrados cerca de 134 terremotos acima de 6 graus na escala Richter por ano, deste total 2 em cada 6 acontecem no Japão. Milhares de tremores de terras são registrados ao longo do ano, a grande maioria não causa sustos consideráveis. O país é constantemente preparado para enfrentar terremotos, treinamentos e procedimentos fazem parte do dia-a-dia dos japoneses. Mas grandes tragédias, apesar de todo preparo, são inevitáveis. O Japão já foi sacudido por terríveis terremotos, como os listados abaixo:

Preliminary Determination of Epicenters
358,214 Events, 1963 - 1998

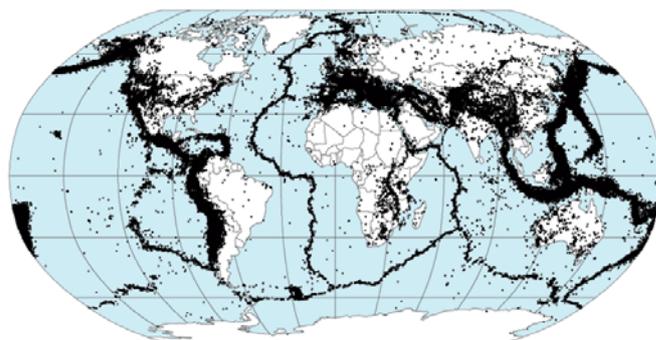


Figura 7: Áreas com maior atividade vulcânica e sísmica do planeta entre os anos de 1963 a 1998. Entre os pontos que se destacam, o território japonês chega a desaparecer do mapa debaixo destes, a área mais ativa do planeta.

- Grande Terremoto de Kanto – Neste terrível abalo foram vitimadas 140 mil pessoas, entre mortos oficiais e desaparecidos no dia 01 de novembro de 1923, atingindo principalmente as cidades de Tóquio e Yokohama, atingiu também as províncias de Kanagawa e Shizuoka. A magnitude média do sismo pela escala Richter é estimado entre 7,9 e 8,3 pontos.

- Grande Terremoto de Hanshin – O terremoto de Hanshin ocorreu no dia 16 de janeiro de 1995 e atingiu principalmente a cidade de Kobe. O sismo atingiu a 6,8 graus na escala Richter. Foram vitimadas aproximadamente 6.434 pessoas, sendo este o segundo maior tremor e com mais danos materiais e humanos após o Grande Terremoto de Kanto em 1923 no século XX.

- Grande Terremoto de Tohoku – Ocorreu no dia 11 de março de 2011, fazendo tremer praticamente todo o arquipélago japonês. O epicentro foi a 130 km a leste da península de Oshika, região de Tohoku. O abalo registrou 9,0 graus na escala Richter, seguido por um tsunami gigantesco que causou quase que a totalidade das 13333 mortos confirmados e 16000 ainda desaparecidos em dados de julho de 2011. Segundo dados do Instituto Nacional de Geofísica e Vulcanologia da Itália, o eixo de rotação da terra foi alterado em 25 cm. Segundo um estudo do Serviço Geológico dos Estados Unidos, a ilha de Honshu, a maior do Japão, foi movimentada na direção leste em 2,4 metros.

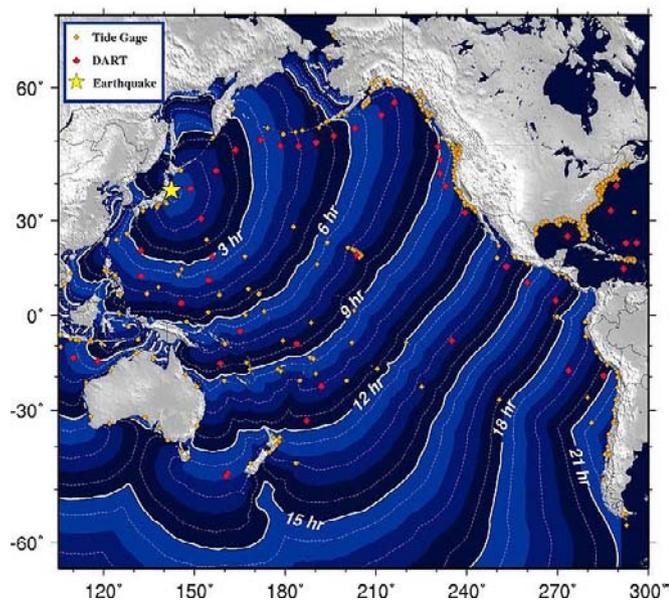


Figura 8: Intervalo de horas que levou para o tsunami alcançar as mais diversas áreas litorâneas do planeta.

Referências

Periódicos consultados:

- Tobace E, Almeida K, Ohphata T, Ezaki A, Maxwell R, Higashi M, Endo C. Força Japão. Alternativa. 2011 Abril; 254: 45-91.
- Ganoza M. Entrevista Kenji Araki. Aki Tem Bom Negócio!. 2011 Março; Especial: 20-3.
- Higashi M. Sinais de Esperança. Alternativa. 2011 Abril; 255: 42-50.
- Ohphata T, Itakura Takeo. Ajuda da comunidade brasileira. Alternativa. 2011 Abril; 255: 52-4.
- Higashi M. Indústrias automotivas retomam a produção. Alternativa. 2011 Maio; 256: 44.
- Tobace E. Patriota ouve apelos da comunidade. Alternativa. 2011 Maio; 256: 84-5.
- Higashi M. Energia nuclear revista. Alternativa. 2011 Maio; 257: 54-60.
- Higashi M. Reverso da tragédia. Alternativa. 2011 Maio; 257: 82-3.
- Ohphata T. Trabalho voluntário. Alternativa. 2011 Maio; 257: 86.
- Higashi M. Folgas as quintas e sextas-feiras. Alternativa. 2011 Junho; 258: 42-6.
- Higashi M. Horário de verão. Alternativa. 2011 Junho; 259: 42-8.
- Higashi M. Calor sem ar condicionado. Alternativa. 2011 Julho; 261: 40-6.

Textos eletrônicos:

- Gimenes D. Brasileiros sofrem com transtornos no aeroporto Chubu. ALTERNATIVA. 18 de março de 2011. Disponível em: <http://www.alternativa.co.jp/Noticias/tabid/78/language/pt-BR/nid/6957/Brasileiros-sofrem-com-transtornos-no-aeroporto-Ch.aspx>
- Gimenes D. Lufthansa faz passageiros de otários. BLOG FUGINDO DA HIPOCRISIA. 20 de março de 2011. Disponível em: <http://danigimenes.blogspot.com/search/label/Lufthansa>
- Agência de notícias. Japão pede ajuda aos EUA para esfriar reatores nucleares. JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. 14 de março de 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/888440-japao-pede-ajuda-aos-eua-para-esfriar-reatores-nucleares.shtml>
- Júnior R. Terremotos. LIBRARY. 2010. Disponível em: <http://www.library.com.br/Filosofia/terremot.htm>
- R7 NOTÍCIAS. 13 de março de 2011. Disponível em: <http://noticias.r7.com/internacional/noticias/entenda-o-que-causou-o-terremoto-no-japao-20110313.html>

Sites visitados:

- www.atom-fukushima.or.jp
www.bombrasileiro.org